

# DRAMA E EROTISMO NO *SIMPÓSIO* DE PLATÃO: ALCIBÍADES E O AMOR FRUSTRADO

## *DRAMA AND EROTICS IN THE PLATO SYMPOSIUM: ALCIBIADES AND FRUSTRATED LOVE*

*Felipe Gustavo Soares da Silva*<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho trata de analisar o elogio de Alcibíades a Sócrates, seu mestre, no *Simpósio* de Platão. Através da leitura da cena, buscamos identificar como o jovem relata a frustração de seu amor por Sócrates e ao mesmo tempo, reconhece toda virtude que encontrara no mestre. A hipótese do trabalho é de que o relato de Alcibíades é um retrato romântico das relações amorosas na antiguidade mas que não escapam da realidade de muitas relações entre as pessoas nos dias de hoje.

**Palavras-chave:** Drama. Erotismo. Frustração.

**Abstract:** This study analyzes the praise of Alcibiades to Sócrates, his master, in Plato's Symposium. Through the read of the scene, we seek to identify how the young man reports the frustration of his love for Socrates and, at the same time, recognizes every virtue that he found in his master. The hypothesis of the study is the report of Alcibiades as a romantic portrait of romantic relationships in antiquity, but without escaping from the reality of many romantic relationships between people nowadays.

**Keywords:** Drama. Eroticism. Frustration.

## 1 Introdução

No estudo das relações eróticas na antiguidade, o texto de Vlastos, (1973), ocupa lugar de destaque ao apresentar a abordagem do amor platônico no *Simpósio* como impessoal. Segundo o autor, Platão despreza uma objetividade da pessoa que ama enquanto objeto e direcionador do amor, noutras palavras, não dá atenção ao amor de pessoas em sua totalidade não seria possível uma afeição pessoal na medida em que todas as pessoas teriam suas limitações. Aqui acreditamos que a ideia de Vlastos merece ser discutida ao encontrarmos um amor um tanto pessoal na fala de Alcibíades: o jovem diz que merece ser amado porque ama o mestre. Há uma realidade bem viva em alguém que está amando, o jovem está apaixonado e profere um discurso típico do amante frustrado: consegue enxergar tudo que seu amado lhe suscita e grita em alto e bom tom a razão de sua dor. Não há um interesse intelectual em sua fala, não uma preocupação

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.  
E-mail: felipegustavopx@hotmail.com

em dessexualizar o amor mas em contrapartida, há um envolvimento erótico que caracteriza a fala e sobretudo as atitudes do jovem com o mestre. Talvez Platão não despreze tais questões como propõe Vlastos, mas o amor seja compreendido por ele dentro desta rede de ambivalência de poderes, de poder representar um benefício ou malefício para a pessoa que ama, a depender da maneira pela qual entramos em contato com a pessoa amada e a maneira que a enxergamos.

Seguindo essa discussão do pensamento de Vlastos, encontramos em Nussbaum (2009) um alerta para que olhemos um pouco mais delicadamente para o discurso de Alcibíades. A autora acredita que se tem que olhar para o discurso de Alcibíades em sua totalidade e considerando a personagem histórica (NUSSBAUM, 2009). cremos que isso nos oferece subsídio para afirmar que Alcibíades é vítima de si mesmo: o seu amor lhe colocou numa condição estritamente desprezível e humilhante, mendigando o amor de Sócrates da pior maneira possível, a saber, criando ciladas e contrariando todos os ensinamentos recebidos do mestre.

Neste sentido, cremos que Platão enfrenta a questão do amor como um perigo eminente e sob o qual não se pode dizer que seja impessoal. Ora, que tenha objeto intelectual, não há o que se discutir no amor que Platão nos traz no banquete, mas, que este amor não pode negar a existência e os perigos dos desejos mais íntimos do ser humano também não se pode desprezar. Platão não nos parece desprezar a pessoa que ama em sua totalidade mas considerar a partir do discurso de Alcibíades a condição de quem ama e as consequências da não realização deste amor.

O amor é um dos temas que mais inspiram teses e trabalhos sobre o ser humano, sobretudo, pelo fato das questões amorosas perfazerem um elemento íntimo do ser humano, e desta forma, encontramos uma espécie de romantismo na fala de Alcibíades. Mas aqui não enquadraremos o *Simpósio* como uma obra romântica senão no sentido de que descreve um amor, uma paixão, um relacionamento que encontra-se entre o sucesso e a dor, como veremos adiante. Normalmente, estes tipos de textos trazem aos leitores relatos ora fictícios ora reais sobre experiências bem sucedidas, frustradas ou desejadas, onde, aquele que ama nem sempre é correspondido da maneira que espera, e na maioria das vezes torna-se então um romancista que declara seu amor através de palavras, levando então os mais diversos leitores a um suspiro de amor compartilhado com aquela experiência. No caso específico do jovem Alcibíades, o chamado aqui “romance” traz-nos uma visão apaixonada do jovem pelo seu mestre e desta visão, decorre um

testemunho que talvez Platão quisera testemunhar em seu diálogo: uma espécie de defesa do mestre, um relato apurado das virtudes e do perfil socrático.

No *Simpósio* de Platão, ou tradicionalmente chamado o *Banquete*<sup>2</sup>, são sete os discursos sobre o tema do amor, apresentado pelo correlato Eros. Cada personagem, exceto Alcibíades, profere um louvor ou uma explicação sobre ele direcionando-se exclusivamente a Eros, tratado pelos personagens como um deus muito antigo e poderoso e, neste sentido, as personagens relatam a própria experiência com o deus e ao mesmo tempo, suas manifestações, o poder, o perigo e a ambivalência de Eros para o ser humano. Todos os discursos, são relatos de experiências, ou romances porém o mais claro e prático de todos eles é o de Alcibíades. Ele não faz um discurso a Eros mas a Sócrates, seu amante. O relato que ele traz do mestre que se tornara amado é de uma grande quantidade de virtudes, a saber, a eloquência, a moderação na bebida, a beleza interior, a moderação nos prazeres a fortaleza.

Acreditamos que o relato do jovem no *Simpósio* é um relato amoroso e romântico, entrelaçando, portanto a Filosofia com a Literatura antiga, trazendo ao mesmo tempo em que um relato filosófico sobre Sócrates e suas virtudes, um relato tipicamente romântico que só um apaixonado seria capaz de elaborar, perfazendo assim, no *Simpósio* uma obra filosófica e ao mesmo tempo uma das mais belas literaturas românticas da antiguidade por trazer não apenas elogios mas a experiência da frustração de um amor não correspondido.

Entre estes amores não correspondidos tratamos de verificar o que diz o apaixonado jovem Alcibíades de seu mestre e agora amado, e encontramos um relato frustrado de uma relação amorosa mal sucedida que acaba nos servindo de base para refletirmos sobre o que de fato buscamos quando amamos: a nossa satisfação, o nosso interesse, ou o bem do outro? Vale realmente tentar de todas as maneiras para conseguir conquistar a quem se ama? Que ganhamos com isso? Estas são algumas das questões que o trabalho pretende, ao menos, conduzir o leitor a refletir na sua própria vida e, é claro, alimentar o debate filosófico em torno das questões de amor e realização humana.

---

<sup>2</sup> A nossa principal tradução que adotamos para leitura é: PLATÃO. *Simpósio*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. – 3ª ed. – Belém: ed. UFPA 2011. De acordo com as recomendações da IPS, International Plato Society, utilizaremos em alguns momentos o termo abreviado referente a obra citando o passo: - *Symp.*

## 2 Alcibíades: algumas palavras sobre a personagem

Tivemos que saltar toda a leitura dos seis discursos que precedem o de Alcibíades para encontrar nele o testemunho que o jovem, mesmo fracassado em sua tarefa de aprendiz do mestre e que aqui nos importa para falarmos de do relato apaixonado e dramático da personagem.

Alcibíades torna-se figura importante para testemunhar Sócrates não apenas por ter sido discípulo mas pelos dons que possuía o que o caracteriza não como uma autoridade<sup>3</sup>, o que seria um escândalo visto sua desmedida, mas uma personagem que teve uma proximidade com o mestre a qual não se pode desprezar, por isso, retrata em seu discurso no *Simpósio*, a experiência não com Eros, assim como todos as personagens pretenderam mas com Sócrates.

Testemunhos da vida adulta da personagem alegam que Alcibíades amava ser amado e odiava ser observado e contrariado, rapidamente se comovia com a cólera e com o amor.<sup>4</sup> O *Simpósio* de Platão testemunha Alcibíades no meio da vida enquanto teve um contato próximo com Sócrates,<sup>5</sup> e não esconde na juventude o que mais adiante lhe causaria grandes danos na sua carreira e na vida como um todo: a intemperança. A intemperança de Alcibíades é já notória pela sua chegada na casa de Agatão com barulho, gritarias e ao som de um flautista (212d), pela embriaguez (212e), e por não ver Sócrates, dirigindo apenas para o encontro com Agatão (213e).

Não enxergar a Sócrates nos chama muita atenção, pois, o diálogo narra que esse fato se deu por estar Alcibíades ornado em fitas próximo aos olhos (213e) todavia, pelo contato que tinham um com o outro, parece-nos que seria muito óbvio que a presença de Sócrates no local onde o jovem chegara fosse logo notada, que lhe “saltasse à vista” a

---

<sup>3</sup> Não pretendemos utilizar aqui como argumento de autoridade o fato do jovem ser um guerreiro respeitado e dos mais valiosos, em termos de guerra, da antiguidade clássica. Esse argumento vale para a personagem, equivocadamente, achar-se capaz de conquistar Sócrates.

<sup>4</sup> Os ataques de cólera de Alcibíades são testemunhados no *Simpósio* quando tenta ofender Sócrates a todo custo de maneira que o mestre chega a apelar por ajuda ao dono da casa, Agatão. Quando Alcibíades ataca Sócrates ameaçando vingar-se dele encontra-se dominado pelas forças apetitivas que o inspiram, pela loucura do amor (maníaca), a querer de qualquer maneira, compensar a raiva e a frustração de seus desejos frente ao relacionamento com Sócrates. (Symp. 213d)

<sup>5</sup> Sócrates testemunha, logo na chegada de Alcibíades à casa de Agatão, o perfil do discípulo: “Agatão, vê se te é possível proteger-me; o amor deste mancebo me causa sérios incômodos. Desde que me enamorei dele, não me é permitido brincar com nenhum rapaz, nem sequer olhar para o seu lado, sem que ele fique enciumado e com inveja ou cometa os maiores *desatinos* e até me recrimine, chegando, quase, às vias de fato. Precisarás contê-lo, para não aprontar-me alguma das dele.” (213c grifo nosso) As características do jovem são descritas pelo mestre: enciumado, invejoso e desatinado. A atitude do mestre consiste em demonstrar as dificuldades encontradas no processo amoroso dele com o discípulo e adverte para o perigo que o jovem representa. Este é um sinal da maestria de Sócrates ao prevenir e prevenir os convivas sobre o perigo com o qual deparam-se envoltos em uma beleza física que chamara atenção.

presença de alguém que tanto o quisera ser amado, mas não somente as fitas lhe tiraram a visão, a embriaguez e a atenção desmedida à beleza de Agatão, “cegou” e impediu o jovem de notar a presença do mestre, mesmo sentando-se ao seu lado.

Alcibíades pode ser caracterizado como um jovem que tinha todo o potencial para ser feliz e ter progresso na vida porém o desajuste<sup>6</sup> e a intemperança lhe são um traço peculiar e característico. Alcibíades tinha todos os meios necessários para ser amado: beleza, nobreza, riqueza, superioridade intelectual, e amizade de Sócrates (ROMILLY, 1996). O jovem quando descreve sua relação com o mestre revela o conflito que se instaurava em sua alma ao ouvir Sócrates filosofar. Então, ao reconhecer que os seus interesses políticos estavam acima das observações do mestre em cuidar de si mesmo (*epimeleia heautou*) é tomado pela vergonha (*aischyné*). Não era capaz de seguir os conselhos do mestre e apesar de não sentir vergonha de nenhuma outra coisa sentia, porém, vergonha em não conseguir realizar o que o mestre lhe ensinara (215e-216c). Esta vergonha, como um sinal do conflito entre razão e apetite na alma do jovem<sup>7</sup>, é a raiz do enamoramento por Sócrates, a raiz da tentativa de conquistar o mestre de alguma maneira e, encantado por seus discursos e pelos dons, que descreveremos adiante, encontrou a maneira de conquistar o mestre apaixonando-se e investindo-lhe todas as armas de sedução. O jovem apaixonado dedicar-se-á a buscar o então amado e encontrar nele as melhores características que um mestre podia oferecer. Neste sentido, inaugura-se o relato apaixonado do jovem, um relato literário da antiguidade sobre as questões do amor.

O modo do amor de Alcibíades não será correspondido por Sócrates: Alcibíades apaixonara-se pelo seu mestre, inverteu assim as regras da pederastia; mas Sócrates por sua vez, enquanto mestre, não obteve também a resposta esperada de seu discípulo: No contexto da pederastia<sup>8</sup>, o jovem era apenas o amado e deveria aprender com o mestre as melhores virtudes; como ele mesmo testemunha e reconhece, Sócrates foi o melhor dos mestres, porém, o jovem não compreendeu o que de fato era o amor, buscando a satisfação de seus desejos corpóreos e direcionando sua atenção para o corpo de

---

<sup>6</sup> Ver o trabalho: Santos, Vladimir Chaves dos. *Alcibíades, o desajustado*. Perspectiva Filosófica, Recife, v. II, n. 36, jul./dez. 2011. p.135-148

<sup>7</sup> Este é um problema do desejo na alma. O problema é enfrentado por Platão na teoria da alma tripartite da república, aqui o tema aparece como um conflito entre a parte racional e concupiscível da alma. Ao mesmo tempo, situando-se no tema da obra, Eros, tem muitos efeitos de acordo com o objeto ao qual se direciona. Se direcionado para um corpo, apenas, como o fizera Alcibíades, há um problema de um amor ligado ao físico e por isso, distante do amor ideal, distante da contemplação da ideia de beleza, aspiração do filósofo no Banquete através da chamada *scala amoris*.

<sup>8</sup> O leitor poderá ver alguns dos desdobramentos da questão da erótica na antiguidade a partir de Dover (1994) e Nussbaum (2009).

Sócrates e não para seu ensinamento. O jovem é uma vítima dos perigos do amor e declara-se apaixonado e frustrado pelo mestre, fornecendo, todavia, um relato de uma experiência que merece ser examinada.

### **3 O retrato das virtudes Socráticas pelo *Simpósio***

Platão tem como principal personagem na maioria de seus diálogos a figura de Sócrates, desejando, em certa medida, fazer um retrato poético do mestre. No *Simpósio*<sup>9</sup> há um testemunho importante acerca de Sócrates realizado por Alcibíades<sup>10</sup>. Esta espécie de metodologia platônica em adotar Sócrates como figura central é comentada por Jaeger com as seguintes palavras:

[...] como ouvinte dos seus diálogos, Platão pudera verificar continuamente por si próprio a força diretiva de almas do seu mestre e, ao recriar poeticamente aqueles diálogos, tinha necessidade de sentir como missão mais importante e mais difícil despertar nos seus leitores a mesma impressão que ele vivera. [...] a grande descoberta poética de Platão é que a pujança impulsionadora das autênticas investigações científicas, que avançam para a meta por rumos sempre novos e surpreendentes, encerra um altíssimo encanto dramático (JAEGER, 2011, p.285)

São cinco características ou virtudes que o jovem apaixonado elenca a respeito de seu amado Sócrates, no *Simpósio*: eloquência, moderação na bebida, beleza interior, moderação nos prazeres e firmeza. Se quiséssemos resumir estas características poderíamos dizer que Sócrates é definido pelo jovem como temperante. Outras características são ditas pelo jovem de maneira muito rápida tais como: a reflexão, o autoexame e a meditação. Estas características apenas corroboram o ideal de moderação que falamos a pouco. Pode-se questionar se o jovem faz um relato verdadeiro ou não, pelo fato de estar apaixonado. Normalmente, atribuímos aos apaixonados os mais belos discursos sobre o amado, entretanto, parece-nos que o diálogo sugere uma peculiaridade

---

<sup>9</sup> O *Simpósio* é uma das obras mais lidas de Platão e nele os convivas reúnem-se na casa de Agatão para fazer um louvor a Eros e comemorar a vitória do anfitrião no teatro. A obra tem sete discursos que tratam de falar do nascimento, da natureza, dos efeitos e direcionamentos de Eros para o ser humano. O ápice dos discursos encontra-se na fala de Diotima-Sócrates e no testemunho de Alcibíades, onde, a maioria dos comentadores apontam como discursos filosóficos propriamente ditos pelo conteúdo que carregam, e sobretudo, na fala de Diotima, pelo caráter dialético do discurso na chamada *scala amoris*, ou escala do amor, onde Sócrates mostra como Diotima o ensinara os degraus necessários para poder ascender ao Belo pelo amor.

<sup>10</sup> Sobre as variantes das personagens nos diálogos de Platão, sugerimos a leitura e pesquisa de: NAILS. D. *The people of plato. A prosopography and other Socratics*. Hackett Publishing Company, Inc. Indianapolis/Cambridge, 2002.

em Alcibíades: a verdade do relato configura-se pelo fato de que o jovem relata não só a virtude do mestre mas também a frustração própria que lhe custou tudo isso e o conflito que Sócrates lhe causara com sua postura e com sua Filosofia. O conflito no qual Alcibíades estava inserido mostra um relato que um apaixonado irá trazer acompanhado do drama, do reconhecimento e da sensação de fracasso que o acompanha, o desfrute de todas estas qualidades.

### *3.1 Eloquência*

O primeiro fato do testemunho de Alcibíades é, depois de coroar Agatão no banquete<sup>11</sup> que chegara, pedir que este lhe devolva algumas fitas para que ele coroasse Sócrates (213 d-e), com estas palavras, justificando a escolha:

Assim não poderá censurar-me por te haver coroado e não a ele, que com sua eloquência vence todo o mundo, não apenas uma vez, como o fizeste há dois dias, mas em todos os momentos.”(213e)

As primeiras palavras de Alcibíades sobre seu mestre cumprem destacar a eloquência e o caráter habitual desta habilidade que o mestre demonstrara durante o tempo em que teve contato com o discípulo. Acreditamos que o jovem tinha da censura do mestre demonstra como Sócrates tinha conhecimento e não se exauria de falar com o discípulo sobre sua postura indevida e desequilibrada (213d).

Voltando-se para o mundo grego e seu teor cultura e pedagógico, encontramos a proximidade entre o falar e o agir: quando Sócrates é testemunhado eloquente parece-nos que na verdade é já um sinal daquilo que veremos mais à frente na fala de Alcibíades, a saber, a moderação do amor. Ora, não é por acaso que Sócrates adverte Alcibíades quando este começa seu discurso: “cuidado com a língua!” (214d) A primeira preocupação da virtude Socrática estar na medida da palavra falada. Dominar a si mesmo, característica que ora o jovem denuncia encontrar no mestre, entendemos que se inicie pelo bom uso da palavra, uma eloquência só pode ser caracterizada em meio ao bom e ao moderado uso das palavras, e parece-nos que é isso que o testemunho do jovem embriagado nos traz.

Mais a frente, no diálogo, inicia-se o testemunho propriamente dito, onde o jovem Alcibíades afirmar que irá, na verdade, vingar-se de Sócrates (214d) trazendo

---

<sup>11</sup> Entenda-se neste termo o jantar no qual se realizara o louvor a Eros.

então o testemunho da experiência vivida com ele. Neste sentido, em (215 d-e) há um elogio ainda mais claro da eloquência e do sentimento que envolvia o jovem ao ouvir os discursos do mestre:

Ao ouvi-lo, bate-me o coração mais depressa do que o dos coribantes, arrancando-me seus discursos lágrimas vivas. Observo que ouvia Péricles ou qualquer outro orador famoso, achava que falavam muito bem porém não sentia nada disto nem ficava com a alma perturbada ou revoltada, ao pensamento da minha condição de escravo. (215 e)

De fato, são os discursos filosóficos capazes de incumbir nos mais difíceis e fechados pensamentos a reflexão de si mesmo. O jovem mostra como era tocado pelo discurso do mestre, como este discurso promovia nele uma sensação diferente daquilo que ele pensava ser belo ao ouvir outros oradores.

Em 221e – 222a, novamente o jovem usará a imagem dos silenos<sup>12</sup> para novamente falar dos discursos do mestre:

[...] seus discursos são parecidíssimos com os silenos que se abrem, com efeito, se alguém se dispuser a ouvir um discurso de Sócrates, de início o achará simplesmente ridículo; as palavras e expressões com que ele reveste o pensamento faz lembrar a pele de um sátiro despudorado. Refere-se a burros de carga, a ferreiros, sapateiros e curtidores, parecendo que sempre fala das mesmas coisas com as mesmas palavras, de forma que qualquer indivíduo inexperiente e sem instrução zombará do que ele diz. Mas, se alguém os apanhar entreabertos e penetrar no seu interior, descobrirá de imediato que esses são os únicos discursos de conteúdo sério, os mais divinos e ricos em imagens de virtude e os que visam a fim de maior alcance, ou melhor: a tudo o que precisa ter em mira quem desejar tornar-se bom e nobre.

### *3.2 A moderação na bebida*

No início do diálogo já há a previsão de Erixímaco em que os participantes da mesa não bebam (176b). Alcibíades irrompe com este acordo ao chegar já embriagado na casa de Agatão (221d) e pedir que fosse servida bebida. No entanto, relata a cena, Sócrates bebe o quanto quiser mas não se embriaga (214b).

O primeiro elemento do testemunho trata-se de relatar a moderação na bebida: “Com relação a Sócrates, senhores, de nada vale esse estratagema; beberá quanto quisermos, sem chegar nunca a embriagar-se” (214b). A maestria Socrática manifestada

---

<sup>12</sup> O retrato dos Silenos será tratado mais adiante quando falarmos do elogio à beleza interior.

na virtude da moderação é atestada e demonstrada pela maneira como bebia. Isto reflete bem a preocupação do homem grego em cuidar de realizar dietas que vigiassem a quantidade de comida e bebida que ingeriam e que, em certa medida, pudessem lhe fazer algum mal. O diálogo do jovem vale ressaltar, dá-se com Erixímaco, o médico: o desmedido busca aquele que tem por função equilibrar as coisas no homem, e reconhece: “um médico vale por muitos guerreiros” (214a).

A bebida será para Alcibiades “as portas” para o elogio Socrático. Depois da bebida e de ter sido orientado sobre como estava sendo realizado o banquete, trata então de fazer um elogio a Sócrates já reconhecendo sua inferioridade: “mas há grande disparidade entre o discurso de um bêbado e o de pessoas com a cabeça no lugar” (214d). Ao mesmo tempo, quando trata de falar reconhece também que pode não enumerar bem as situações a serem relatadas:

De caso pensado, não direi mentira alguma. “Toda via, se eu expuser os fatos sem muita ordem, à medida que deles me for lembrando, não seja isso motivo de espanto, pois no estado em que me encontro não é tarefa muito fácil enumerar com coerência tais singularidades” (215a).<sup>13</sup>

Neste sentido, quando reconhece e testemunha logo de início o testemunho do mestre na arte da bebida, o jovem mostra também as consequências da falta de moderação no beber: é levado a um estado de insegurança no que fala e na lembrança, elemento este que já foi elogiado como uma das melhores habilidades do mestre, como vimos na sessão acima falando de eloquência.

### *3.3 Beleza interior*

O elogio que se segue é um encontro do jovem com algo totalmente distinto do que ele, belo e cortejado pela beleza que possuía, conhecia. Trata-se da beleza interior de Sócrates, assinalada na comparação que o jovem faz do mestre com a imagem dos silenos (215b). A comparação eleva o mestre ao nível de divindade (215 b-c) e traz a tona a triste realidade do jovem em deparar-se exatamente com o contrário daquilo que as outras pessoas encontravam nele: uma beleza aparente e exterior.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Grifos nossos.

<sup>14</sup> A cena abre o debate para o fato de amores que se direcionam para a beleza física, desprezando, a beleza espiritual e as virtudes que podem ser encontradas nas pessoas de maneira plena não passageira. Como dissemos, o relato dramático de Alcibiades é o relato de muitos de nós que, nos dias de hoje,

### *3.3.1 A imagem do sileno*

Alcibíades descreve “é que ele se parece com esses silenos expostos nas oficinas dos escultores, que o artista representa com uma gaita ou uma flauta e que, ao serem destampados, deixam-se ver no bojo várias estátuas da divindade”(215b).

A comparação com os Silenos, feios, velhos e de bárbara grosseira e áspera por fora mas trazendo em seu interior a imagem de um deus, da beleza interior. É esse o ponto central do elogio. Alcibíades era admirado pelos seus amantes pela beleza e vigor físico, tudo isso, aparece aqui como mera superficialidade diante de todo o encanto que Sócrates irá despertar pelas palavras. O retrato do mestre é fiel: as características que lhe são exteriores privam-no dos padrões de beleza da época, no entanto, assim como os silenos, o seu interior revela algo que é necessário “destampar”. Isso só será possível pelo contato próximo, pelo desfrute de todas as qualidades às quais Alcibíades teve acesso ao ser educado por Sócrates.

### *3.3.2 A comparação com o flautista para encantar os homens*

O jovem continua a comparação do mestre, agora com o Sátiro Mársias, que encantava plateias fazendo-as entrar em transe ao som de sua flauta e que, desejava unir-se aos deuses pela habilidade que tinha com o instrumento. Porém ressalta a diferença: Sócrates não precisa de instrumento (215c) para encantar os homens mas o faz perfeitamente pelas suas palavras e mostra aos jovens quem de fato precisa de iniciação e do contato com os deuses (215d) ademais, relata:

“porém quando alguém te ouve, ou as tuas palavras reproduzidas por terceiros, ainda que se trate de orador de pouco préstimo, logo se sente comovido e arrebatado, que aconteça isso com mulher, que com homem feio ou adolescente” (2215e).

O encantamento proporcionado por Sócrates pode ser interpretado com a harmonia que o discurso e a presença do filósofo trazem a quem desfruta dessa companhia. O jovem tinha contato com muitos outros homens naquela época, muitos deles se aproximavam do Alcibíades encantados pela beleza e por todos os atributos que

---

procuram amar o que é aparentemente belo. Naquele tempo, o problema das aparências nas relações amorosas já causavam, portanto, grandes males aos amantes apaixonados.

o jovem possuía; desta vez, o jovem encanta-se por um de seus cortejantes, desta vez, apaixonou-se pelo que não encontrou nos outros mestres que o cortejavam, e a comparação ao flautista é então um resumo apurado deste encantamento e uma consequência inevitável.

### *3.4 Moderação nos prazeres*

Eis o grande trunfo da frustração de Alcibíades: querer ter o corpo do mestre mas não o conseguira, querendo conquista-lo por uma sedução puramente corporal e física, ele apenas se frustrara: Ele relata que apesar das investidas Sócrates mantinha-se sempre sóbrio e irredutível em suas ações: medindo força no ginásio (217c), jantando e dormindo juntos (217d) mesmo julgando Sócrates como, dentre os apaixonados, o único digno dele (218d) chega a seguinte conclusão em (219 c-e):

Mas tudo o que fiz só serviu para ressaltar ainda mais a sua superioridade sobre mim, para ele fazer pouco caso e zombar de minha beleza, ofensa inqualificável. E note-se: era no que eu mais confiava, senhores juízes; sim, pois estais aqui para julgardes a arrogância de Sócrates. Pois, pelos deuses e pelas deusas, ficai sabendo que, depois de passar a noite junto de Sócrates, levantei-me como se houvesse dormido ao lado de meu pai ou de algum irmão mais velho. Depois disso, podeis imaginar quais eram meus sentimentos? Julgava-me desprezado, sem deixar, no entanto, de admirar sua natureza, sua temperança, e o domínio de si mesmo, que lhe é característico. Encontrara um homem como não podia imagina, modelo de sabedoria e de firmeza, a tal ponto que não achava meio de romper com ele e evitar sua companhia nem de vir a conquista-lo.

A postura Socrática refletia o pensamento grego e a preocupação em ter uma certa medida naquilo que fazia e sobretudo nos relacionamentos eróticos. Era uma regra da época que os mestres cumprissem seus papéis de mestres não submetendo-se à ações que pudessem diminuir essa qualidade e este status. Sócrates não se submete a nenhuma das ações de seu discípulo e como o mesmo relatara, encontra no jovem uma prudência e uma moderação exemplar, o que destaca Sócrates como um grande mestre, digno de tal elogio.

### *3.5 Firmeza*

Há ainda uma virtude que não é comumente ressaltada nos trabalhos sobre o *Simpósio*: A participação, ao lado de Alcibíades, dos confrontos bélicos na pólis. Nails

(2002 p.12) reforça, ao analisar a personagem Alcebíades historicamente, que ele serviu com Sócrates ao exército, reforçando a afirmativa do testemunho do jovem. Veja-se que ao final do elogio do jovem apaixonado, ele destaca que Sócrates fora o companheiro que dele cuidou. De maneira bem sucinta, o que não nos permite muito delongar neste ponto, o jovem relata a presença e a companhia do mestre durante algumas de suas batalhas demonstrando a firmeza e a coragem do mestre em 220d:

Vejamo-lo nos combates [...] na batalha em que os comandantes me concederam a láurea da coragem, a este homem e a mais ninguém devi minha salvação. Ferido como me achava, não quis abandonar-me e me levou, com minhas armas, para lugar seguro. Do meu lado, Sócrates, insisti com os generais para que te conferissem o prêmio. Não tenho medo de que sobre isso me censure ou digas que é mentira. Porém os estrategos, levando em conta minha posição e desejando mesmo distinguir-me, tu me mostraste mais empenhado do que eles para que o prêmio me fosse conferido.

Na cena seguinte, o jovem relata como o mestre o acompanhara na luta contra outro exército. O jovem a cavalo e Sócrates de pé (221a). A firmeza, a coragem o exemplo de força são elementos ressaltados pelo jovem apaixonado. A maestria não se dá apenas em posturas de reflexão mas também de ação, parece-nos ser esta a mensagem que estas cenas do elogio querem transmitir a respeito de Sócrates.

#### **4 A frustração: Alcibíades entre o amor e o drama**

Enfim o drama está instaurado: Além do conflito entre as suas pretensões políticas e os ensinamentos do mestre, o jovem se encontra fracassado na tentativa que tivera em seduzir Sócrates fisicamente. Bolzani Filho (2016 p.67) fala que Alcibíades torna-se portador de uma aporia que consiste no fato de que

[...] ele tem certezas sobre o poder que exerce sobre suas afecções o discurso socrático e chega mesmo a reconhecer que seus desejos por honra pública não são dignos. Mas isso não parece suficiente para uma decisão em favor de uma nova atitude, consoante às recomendações de Sócrates.

O comentador acerta quando define a situação de Alcibíades como aporética: ora, é assim que nós nos sentimos quando tomados por uma paixão arrasadora, por um amor que nos envolve e, principalmente por uma frustração, ou uma não correspondência do amor. Nós nos confrontamos com aquilo que buscamos e aquilo que

o amor exige de nós. Alcibíades aprende o que há de melhor mas as exigências do amor não lhe são factíveis, segundo seu pensamento, sendo mais confortável inverter a relação que tinha com Sócrates e tentar se armar diversas ciladas para por em “xeque” a prudência do mestre, levando-o à um erro que por conseguinte lhe daria o amor desejado.

A situação em que o apaixonado se encontrara lhe causa uma dor e uma sensação de fragilidade, diante disto, considera então uma insolência o fato do mestre não o desejar, não ceder às suas inventivas, às suas armadilhas de sedução. Veja-se como o jovem reflete, ainda em meio aos elogios ao mestre, sobre o drama no qual se encontrara em meio ao contato com Sócrates:

Depois disso, podeis imaginar quais eram os meus sentimentos? Julgava-me desprezado, sem deixar, no entanto, de admirar sua natureza, sua temperança e o domínio de si mesmo, que lhe é característico. Encontrara um homem como não podia imaginar, modelo de sabedoria e de firmeza, a tal ponto que nem achava meio de romper com ele e evitar sua companhia, nem de vir a conquistá-lo. Sabia perfeitamente que ele era ainda mais invulnerável ao dinheiro do que Ajax ao ferro, e eis que conseguira escapar do último chamariz com que esperava capturá-lo. Fiquei desorientado, porém tão preso a este homem como um escravo, sem poder fugir do seu círculo de influência. (219 d-e)

Diante da consideração do fracasso, a única alternativa que restara ao jovem era a de conquistar o mestre pela sedução, era transformar a relação erótico-pedagógica numa relação estritamente erótica e sexualizada: as inventivas de Alcibíades diante do mestre na verdade eram tentativas de um frustrado superar o fracasso conquistando o amor daquele considerado feio mas Belo no sentido que o próprio jovem não o conseguira ser, a saber, belo enquanto virtuoso.

O banquete nos oferece assim, um romance antigo, envolvido num cenário festivo, onde a prática da Paideia grega aparece como pano de fundo, revelando sua essência, um amor assexual, entre homens e em favor da pólis, se considerado que o que se ama se educa e se faz ser virtuoso, é claro, com a contribuição do próprio educando, o que não aconteceu com Alcibíades. O jovem então errara por não conceber a essência do amor ensinado por Sócrates, por não conseguir amar-se a si mesmo e contribuir no próprio processo educativo.

O romance se instaura na alma do jovem, tomado pelo desejo das multidões, das aclamações, da quantidade de homens que o desejavam, sendo então incapaz de

conseguir compreender algo além do mero desejo corporal e físico com o qual o cercavam seus pretendentes. Ele foi incapaz de assimilar a Filosofia de Sócrates, o que nos conduz a afirmar que a Filosofia enquanto reflexão da própria vida é uma via razoável de se evitar a dor encontrada por Alcibíades, frustrado por não conseguir acompanhar os passos do mestre, ao mesmo tempo, frustrado por não ser capaz de, com tanta beleza física, vigor e qualidades, alcançar o espiritual, oferecido por Sócrates. A história de Alcibíades é

uma história de desperdício e perda, do fracasso da razão prática em dar forma à uma vida. tanto o homem extraordinário como os estúdios de seu curso serpenteante eram lendários em Atenas; rogavam interpretação, cura. O Banquete se situa no meio dessa vida e confronta as questões que ela suscita para o nosso pensamento sobre o amor e razão. Alcibíades é, evidentemente, um personagem principal no diálogo; muitos detalhes de sua vida são relatados explicitamente em sua fala. (NUSSBAUM, 2009, p.146)

## **5 Conclusão**

O *Simpósio* de Platão é mais uma das obras em que o mestre é testemunhado pelo discípulo podendo nos conduzir a uma reflexão se, ao usar Alcibíades para elogiar Sócrates não estava Platão ele mesmo testemunhando uma experiência vista enquanto discípulo ou de maneira muito peculiar Platão se usara de um romance envolvendo uma relação amorosa para descrever as qualidades do mestre<sup>15</sup>.

Uma conclusão óbvia que o diálogo nos traz é que o amor sem um reto direcionamento conduz a um fracasso quase que inevitável; ao mesmo tempo, a tentativa frustrada de conseguir o amor de Sócrates a todo custo revela o amor interesseiro que Platão nos adverte já naquela época. Qual o verdadeiro sentido do amor e como buscá-lo? Parece que o diálogo nos recorda a velha noção grega do belo associado ao bem - *καλός και αγαθός* – o Belo é o Bom. O amor não necessariamente se dá pela beleza: Alcibíades era belo mas não tinha conteúdo, era ambicioso e desmedido, enquanto Sócrates, comparado aos silenos, feio por fora e virtuoso por dentro, conquistara ainda que não da melhor maneira – e nem Sócrates o quisera desta forma - o amor do mais cortejado rapaz da época.

---

<sup>15</sup> Estas questões metodológicas não interferem no andamento deste trabalho. O que nos interessa aqui é analisar o testemunho socrático e as consequências que tais atitudes, virtuosas, terão para a personagem diretamente envolvida na cena, Alcibíades.

Que tipo de amor tinha Sócrates senão um amor aos verdadeiros ensinamentos da virtude? Queria ensinar isto ao discípulo. Mas veja-se que o fracasso marca os dois amores. Nem Sócrates consegue converter Alcebíades ao amor ordenado nem Alcebíades consegue conquistar Sócrates através de apelos e ciladas sexuais que o submetia. Isto se dá por um motivo bem preciso, encontrado em numa obra sobre os tipos de amores e que em determinado trecho que traduz a ideia do romance em cena no *Simpósio*:

O prazer, levado ao extremo, nos destrói tanto quanto o sofrimento. O desejo de união que somente a carne pode mediar ao mesmo tempo que a carne – nossos corpos mutuamente excludentes - a torna perpetuamente inatingível, pode ter a grandeza de uma busca metafísica. O amor pode trazer tantas lágrimas quanto a dor. (LEWIS, 2009.)

O romance que encontramos entre as personagens é um romance de fracassos: fracasso em ensinar a virtude e fracasso em conquistar o amado. Sócrates fracassa e isto é um fato distinto nos diálogos platônicos, onde geralmente o filósofo consegue que seu interlocutor mude de opinião e reconheça a sua ignorância; fracassa em não conseguir mudar o pensamento de Alcibíades. Talvez a mensagem que Platão queira nos deixar com a situação dramática é que o amor só pode ter plena eficácia quando associado e dirigido pela razão. O fracasso de Sócrates não está no ensinamento mas no aceite da verdade pelo jovem: Sócrates cumpriu a missão e amou Alcebíades independente da postura dele. O amor não necessariamente é recíproco, se dirigido pela razão a nossa reciprocidade é encontrada no pleno cumprimento daquelas ações às quais podem ser ditas provas de amor, no caso de Sócrates, todo o testemunho e ensinamento que vai oferecer ao discípulo. Veja-se que o diálogo em nenhum momento sinaliza e não há nenhum relato que indique uma frustração Socrática pelo fracasso de Alcibíades. Sócrates chega a ter medo das atitudes do jovem mas não encontramos uma lamentação ou um drama de um fracassado. Fica claro para Sócrates que se discípulo não entendera a mensagem passada por ele, Alcebíades reconhece os ensinamentos e a superioridade intelectual e moral do mestre só não a cumpre por estar repleto de outros motivos que o impedem de fazê-lo, motivos estes que o transformam em louco romântico e apaixonado.

Portanto, acreditamos que Platão se usa da relação entre estas duas personagens para em primeiro lugar nos advertir dos perigos do amor quando não subordinado à razão, em segundo lugar para nos mostrar o sentido da reciprocidade do amor e suas

consequências se não atendidas, por fim, para nos trazer essa belíssima retrato de um drama antigo, mostrando que o amor é o que há de mais belo a ser vivido mas também o que há de mais dramático para natureza humana: a busca e a reciprocidade de quem amamos.

O vínculo estabelecido entre Sócrates e Alcibíades nos oferece, portanto, um modelo que nos leva a pensar ser possível enquadrar os amores do tipo presente: o relato de Alcibíades é um relato apaixonado e doloroso de quem fracassou na inventiva de ganhar o amor (a seu modo) do amado. Um amor que não fora recíproco nos mostra a condição dependente de quem ama: neste ponto, só é verdadeiramente realizado nas coisas do amor quando se tem um amor recíproco. Todavia, esta reciprocidade só tem sentido em se tratando de uma maneira ordenada de se praticar o amor.

É este o drama de muitos enamoramento que encontramos nos dias de hoje: um romantismo de quem se desespera muitas vezes por procurar amores onde não se deve, por procurar amores somente ligados e motivados pelos desejos físicos, desprezando o verdadeiro conteúdo a ser buscado, um amor que não pode nos oferecer aquilo que é constante mas nos contentamos com as superficialidades.

Alcibíades tinha tudo e acabou não tendo nada, será que buscou a pessoa errada? Não, Sócrates era a pessoa correta no contexto da educação ateniense mas porque fracassou diante do mestre, por pensar que ele era igual aos demais, por não ser capaz de superar seus próprios interesses, ficando então escravo do próprio desejo. O romance entre Sócrates e Alcibíades nos mostra que muitas das questões que hoje vivemos já se encontram na antiguidade clássica, o ser humano parece ser sempre o mesmo, porém nem sempre conseguindo o que busca.

## **6 Referências**

ARAÚJO JÚNIOR, A. Borges de. *Eros, direção e efeitos*. In Il simpósio di Platone: un banchetto di interpretazioni. Napoli: Lofredo editore. 2013.

BOLZANI FILHO, R. *O elogio de Sócrates por Alcibíades*. Discurso - Departamento de Filosofia da FFLCH DA USP, v. 46, p. 47-71, 2016.

CANFORA, L. *Um ofício perigoso*. Trad. de Paulo Butti de Lima. São Paulo: Perspectiva, 2003.

NAILES, D. *The people of plato: A prosopography and other Socratics*. Hackett Publishing Company, Inc. Indianapolis/Cambridge, 2002.

LEWIS, C. S. *Os quatro amores*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

JAEGER, W. *Paidéia. A formação do homem grego*. 5ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 2011

MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003.

- NAILS, D. *The people of plato*. A prosopography and other Socratics. Hackett Publishing Company, Inc. Indianapolis/Cambridge, 2002
- PLATÃO. *Simpósio*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. – 3ª ed. – Belém: ed. UFPA 2011.
- ROBIN, L. Notice. In: Platon Oeuvres Complètes. Tome IV – 2a partie: *Le Banquet*. Paris: Les Belles Lettres, 1992
- \_\_\_\_\_. *La théorie Platonicienne de L'amour*. 3 ed. Paris. Presses Universitaires de France. 1964.
- ROMILLY, J. *Alcibíades ou os perigos da ambição*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.
- VLASTOS, G. *The Individual as an object of Love in Plato*, in. *Platonic Studies*, Princeton 1973
- SANTOS, V. C.. *Alcibíades, o desajustado*. *Perspectiva Filosófica*, Recife, v. II, n. 36, jul./dez. 2011